

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2



*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2



*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] :
necessidades individuais & coletivas 2 / Organizadora
Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa,
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-363-7

DOI 10.22533/at.ed.637200909

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I.
Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas”, são ao todo trinta e dois artigos organizados e apresentados em dois volumes.

As pesquisas abordam temas relevantes que visam identificar, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas entre os fenômenos sociais, econômicos e políticos no atual contexto.

No primeiro volume apresenta-se quatorze artigos com pesquisas relacionadas a três eixos temáticos: Desenvolvimento tecnológico, inovação e sustentabilidade; Consumo, comunicação e informação e Educação e processos de formação voltados para a cidadania e práticas emancipatórias.

O segundo volume é composto por dezoito artigos que tratam sobre políticas públicas e gestão pública e os impactos no atendimento das demandas relacionadas a área de saúde, profissionalização, socioeducação, sistema judiciário e processos de institucionalização. Os artigos analisam também os aspectos políticos e coligações partidárias.

Os artigos possibilitam o reconhecimento e análise de maneira mais aprofundada dos temas abordados, bem como, podem contribuir para a realização de novos questionamentos e pesquisas, com aproximações sucessivas das relações sociais e desvelamento das necessidades individuais e coletivas existentes no atual contexto

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

SUSPENSÃO DE PROCEDIMENTOS HEMODINÂMICOS: UM DESAFIO PARA A GESTÃO PÚBLICA

Alexandre Rodrigues Inácio de Azevedo

Jéferson Valente Vieira

Adriana Maria Lamego Rezende

Renato Cruz de Sousa

Ana Luísa Carneiro Pereira Gonçalves

Bráulio Lamego Resende

Fernanda Cruz de Souza

Matelane dos Anjos Rezende

DOI 10.22533/at.ed.6372009091

CAPÍTULO 2..... 14

COVID 19 COMO DOENÇA OCUPACIONAL E SEUS IMPACTOS NA ESFERA PREVIDENCIÁRIA

Letícia Vieira Mattos

DOI 10.22533/at.ed.6372009092

CAPÍTULO 3..... 25

O ROMPIMENTO DO HIATO DO GÊNERO A PARTIR DE ROTAS METABÓLICAS BIOQUÍMICAS

Maria Betânia de Oliveira Garcia

Carolina Helena Almeida Silva

Ariane Ribeiro Martins

DOI 10.22533/at.ed.6372009093

CAPÍTULO 4..... 41

AGLOMERADOS DE ALTO RISCO DE MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE TERRESTRE NO BRASIL

Érika Carvalho de Aquino

Vinícius da Silva Oliveira

Marli de Mesquita Silva Montenegro

José Maurício Botto de Barros Garcia

João Bosco Siqueira Júnior

Otaliba Libânio de Moraes Neto

DOI 10.22533/at.ed.6372009094

CAPÍTULO 5..... 58

BREVE REFLEXÃO SOBRE ADOÇÃO E A CULTURA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

Izabel Tereza Sousa Silva

Wnágylly Jéssica da Silva Pinheiro

Juliana Lara Borges Soares

Anna Gabriella Barbosa de Carvalho Silva

Cidianna Emanuely Melo do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.6372009095

CAPÍTULO 6..... 66

TURISMO E CULTURA: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DOS GRUPOS DE CARIMBÓ DE BELÉM-PA

Victor Barbosa Campos

Maria Augusta Freitas Costa Canal

DOI 10.22533/at.ed.6372009096

CAPÍTULO 7..... 78

AFETOS EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO MST

Flávia Cunha Pacheco

Carolina de Andrade Guarnieri

Luna Carulina Mendes Filgueiras

Maria Therezinha Loddi Liboni

DOI 10.22533/at.ed.6372009097

CAPÍTULO 8..... 90

ESTRATÉGIAS DE *COPING* ADOTADAS POR FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Ana Naysa Albuquerque Teixeira

Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas

Verônica de Azevedo Mazza

Maria Adelane Alves Monteiro da Silva

Etelvina Melo Sampaio

Benedita Shirley Carlos Rosa

DOI 10.22533/at.ed.6372009098

CAPÍTULO 9..... 106

CAPITAL TRABALHO E ESTADO NA POLÍTICA PÚBLICA DE NEGOCIAÇÃO COLETIVA NO AGRONEGÓCIO: TRILHAS DE UMA PESQUISA NO ESTADO DO PIAUÍ

Paula Maria do Nascimento Mazullo

Maria Dione Carvalho de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.6372009099

CAPÍTULO 10..... 119

COMO PROMOVER A REINSERÇÃO DE EX-PRESIDIÁRIOS NA SOCIEDADE DE MATO GROSSO

Hiayssa França Almeida

DOI 10.22533/at.ed.63720090910

CAPÍTULO 11..... 121

A INDEPENDÊNCIA CONGOLESA COMO UM PROCESSO DE MANUTENÇÃO DO CONSERVADORISMO SOCIAL E ECONÔMICO

Felipe Antonio Honorato

Paulo Cesar de Abreu Paiva Júnior

DOI 10.22533/at.ed.63720090911

CAPÍTULO 12.....	133
JUSTIÇA RESTAURATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA DE PAZ MEDIANTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Débora Maria Ferreira da Silva	
Francisco Mateus Pontes Pereira	
Tânia Gabriela de Sousa de Paiva	
Maria Isabel Silva Bezerra Linhares	
DOI 10.22533/at.ed.63720090912	
CAPÍTULO 13.....	144
O REGIME DISCIPLINAR DIFERENCIADO: UMA ANÁLISE DE SUA NATUREZA JURÍDICA	
Mateus Gruber	
Sarah Francine Schreiner	
DOI 10.22533/at.ed.63720090913	
CAPÍTULO 14.....	155
“FUTEBOL-BANDIDO”: OS <i>CARTOLAS DA CBF</i> E A CORRUPÇÃO NO BRASIL	
Breno Carlos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63720090914	
CAPÍTULO 15.....	168
O DIREITO FUNDAMENTAL À PROFISSIONALIZAÇÃO DE SOCIOEDUCANDOS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM SALVADOR: ABORDAGEM CRÍTICO-ANALÍTICA	
Evandro Luís Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.63720090915	
CAPÍTULO 16.....	179
O SOCIALISMO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Rodolfo Palazzo Dias	
Eric Gil Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63720090916	
CAPÍTULO 17.....	203
COALIZAÇÕES ORGANIZACIONAIS – RESPOSTA À CONJUNTURA DE ALTA COMPETITIVIDADE	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniel Tenconi	
DOI 10.22533/at.ed.63720090917	
CAPÍTULO 18.....	216
ANCESTRALIDADE E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE MÃE HILDA DE JITOLU	
Ayni Estevão de Araujo	
Geander Barbosa das Mercês	
DOI 10.22533/at.ed.63720090918	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	227

CAPÍTULO 7

AFETOS EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO MST

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Flávia Cunha Pacheco

Universidade Estadual de Maringá (UEM),
Mestranda do Programa de Pós-graduação em
Psicologia (PPI)
Maringá - Paraná
<https://orcid.org/0000-0003-2478-9168>

Carolina de Andrade Guarnieri

Universidade Estadual de Maringá (UEM),
Mestranda do Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais (PGC)
Maringá – Paraná
<https://orcid.org/0000-0001-6302-2221>

Luna Carulina Mendes Filgueiras

Universidade Estadual de Maringá (UEM),
Graduada em Psicologia
Maringá – Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-2210-8202>

Maria Therezinha Loddi Liboni

Docente da Universidade Estadual de Maringá
(UEM), Departamento de Psicologia (DPI)
Maringá - Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-5750-6614>

RESUMO: Neste artigo buscamos compreender a dimensão afetiva que permeia o envolvimento e engajamento de mulheres no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e na Economia Solidária (ES), por meio das trajetórias e relações estabelecidas pela ação coletiva. Esse trabalho foi possível no contexto do Projeto de Extensão

“Organizadas e Mobilizadas: trabalho, gênero e política com as mulheres dos empreendimentos econômicos solidários”, fomentado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras (USF/SETI-PR). De modo a atendermos ao objetivo do estudo, nos detemos na análise de um dos Empreendimento de Economia Solidário (EES), assessorados pelo projeto de extensão no período de sua vigência (2018-2019). O material analisado no presente artigo é parte dos conteúdos de entrevistas semiestruturadas realizadas com as associadas, individualmente em domicílio, pela equipe do projeto. O material foi registrado por tomada de notas em diário de campo. Para preservar a identidade das entrevistadas, utilizamos nomes fictícios e nos valem do método de análise de conteúdo para a organização, sistematização e análise dos materiais. Com base nas narrativas das associadas, entendemos que os aspectos afetivos, os sentimentos e as emoções não são distintos das condições objetivas e concretas da vida. A dimensão afetiva permeia a inserção e a participação das mulheres no MST e na ES, ao mesmo tempo que oportuniza aprendizados e afetos no contexto do coletivo. Contudo, observamos a permanência de desigualdades de gênero nos espaços de participação e de trabalho, o que configura limites a serem superados para a efetiva participação política das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Afetos, MST, Economia Solidária, Participação política.

AFFECTS IN MOVEMENT: WOMEN JOURNEYS IN THE SOLIDARITY BASED ECONOMY AND IN MST

ABSTRACT: In this article we aim to comprehend the affective dimension that permeates the participation and the engagement of women in the Landless Workers' Movement (MST) and in the Solidarity Economy (ES), through the journeys and the relations established by the class action. This work was possible in the context of the Extension Project called "Organized and Engaged: work, gender and politics with the women of solidarity economical enterprises", fostered by the University Without Frontiers Program (USF/SETI-PR). To accomplish the objective of our study, we focused in the analysis of one Solidarity Economical Enterprise (EES) assisted by the extension project on its validity period (2018-2019). The corpus analyzed to this article is part of semi-structured interviews realized with the members, individually at home, by the project team. Data was registered through note taking in a field diary. To safeguard interviewees identities, fictitious names were used, and the method of content analysis was chosen to organize and systematize the review of data. Based on the members narratives, we understood that affective aspects, feelings, and emotions are not distinct from objective and precise life conditions. The affective dimension permeates the integration and participation of women in MST and in ES, whilst enables apprenticeships and affections in the union context. However, we observed the permanence of gender inequalities in work and collaborative spaces, which sets limits to be overcome in a way to achieve an effective women's political participation.

KEYWORDS: Women, Affections, MST. Solidarity Economy, Political participation.

1 | INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos compreender a dimensão afetiva que permeia o envolvimento e engajamento de mulheres no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e na Economia Solidária (ES), por meio das trajetórias e relações estabelecidas pela ação coletiva. O presente estudo tornou-se possível no contexto do Projeto de Extensão "Organizadas e Mobilizadas: trabalho, gênero e política com as mulheres dos empreendimentos econômicos solidários" na Universidade Estadual de Maringá (UEM), fomentado pelo Programa de Extensão Universidade Sem Fronteiras (Fundo Paraná/SETI/UGF-PR).

Frente à constatação das desigualdades de gênero, especialmente no que diz respeito ao mercado de trabalho e a participação política, o projeto de extensão tem o objetivo de promover a troca de saberes acadêmicos e populares, buscando estruturar, fortalecer e fomentar empreendimentos econômicos solidários (EES) de mulheres ou majoritariamente femininas, acompanhados pelo Programa Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho e os Movimentos Sociais, vinculado ao Núcleo Incubadora Unitrabalho/UEM, visando estimular a identidade coletiva e a participação política de mulheres na rede de economia solidária.

Os movimentos sociais contribuem para a redução das desigualdades sociais na

medida em que estabelecem estruturas e espaços de organização e incentivo à participação política de mulheres, como o EES, no caso da ES e a representação nas instâncias de organização do MST. Esses espaços políticos também são propícios para o fortalecimento das relações pessoais e públicas, aos quais os afetos permeiam. Diante disso, duas questões orientam nosso estudo: como a dimensão afetiva importa no engajamento e envolvimento de mulheres no MST e ES? Como os afetos implicam na manutenção da participação dessas mulheres?

Para atendermos ao objetivo de nosso estudo, nos detemos na análise de um dos EES assessorados pelo projeto de extensão. O EES, regularizado em 2016, está organizado como associação e sediado em um acampamento do MST, no noroeste do Paraná. Esse acampamento ocupa área de 706 hectares, divididos em lotes, ocupados por 45 famílias, que ainda não possuem a posse oficial da terra. A associação busca articular o grupo de mulheres moradoras do acampamento com o objetivo de: promover capacitação e renda; estimular as relações de comunidade e a cultura na comunidade; promover o desenvolvimento local e a formação política; promover a valorização das associadas; combater a desigualdade de gênero, entre outros problemas sociais vivenciados. É integrada por doze mulheres, em diferentes faixas etárias, em sua maioria negras e com baixa escolaridade, casadas e mães que sobrevivem do trabalho na terra ocupada, buscando renda complementar com a produção de panificados e artesanato por meio da associação.

O material aqui analisado é parte do conteúdo de entrevistas semiestruturadas realizadas com as associadas, individualmente, compondo a fase de diagnóstico para atuação do referido projeto de extensão. O material foi registrado por tomada de notas em diário de campo. Com o intuito de preservar a identidade das entrevistadas, pautando-nos nos preceitos éticos, utilizamos nomes fictícios. Os trechos das entrevistas serão dispostos entre aspas e em negrito.

Para organização, sistematização e análise dos materiais resultantes das entrevistas, nos valem do método da análise de conteúdo proposto por Bardin (1977). Esse método considera três polos cronológicos de organização da análise: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 1977). De modo a instrumentalizar esse processo, digitalizamos o material na íntegra, o que permitiu atingir uma melhor representação do conteúdo das entrevistas. Na etapa da pré-análise, sistematizamos as ideias gerais presentes nas entrevistas, por meio da leitura flutuante dos conteúdos coletados. Em seguida, realizamos a exploração do material, formulando hipóteses. Esse método de análise permitiu elucidar o conteúdo entrevistas, elaborando categorias de análise, no qual apresentamos a categoria “afetos que permearam o entrelaçamento das trajetórias das mulheres com o envolvimento e engajamento no MST e na ES”.

O capítulo está organizado em três momentos: as rotas de entrada; inserção e

participação política e a dimensão afetiva presente no envolvimento com movimentos sociais e ações coletivas.

2 | AS ROTAS DE ENTRADA

Por quais razões as pessoas aderem às ações coletivas para transformar a condição social? Silva (2002, *apud* DOMINGUES, 2007), ao lançar tal questionamento, abre espaço para reflexões que vão além do ideário de militância construído ao longo da história do MST, que, de antemão, indica um pressuposto engajamento político de todos os integrantes do movimento, desde sua entrada.

Diferente da ideia de engajamento revolucionário proposta por Lerrer (2008) cuja proposta teórica aponta o engajamento como um marco central na vida dos militantes, para Silva (2002, *apud* DOMINGUES, 2007), é preciso encontrar o sentido de entrada do indivíduo na luta frente à sua herança histórica, cultural e política. Para tanto, faz-se necessário adentrar na história de cada uma das participantes entrevistadas para entender a trajetória de vida que as levou ao acampamento, culminando em sua participação no MST e na ES.

Catarina (60 anos), engajou-se no MST com o marido e seus quatro filhos. Em trechos da entrevista, ela relata que **“não queria ir para o Sem Terra”**, mas acabou se inserindo no movimento aconselhada por sua mãe, que lhe dizia que **“a mulher tem que acompanhar o marido”**.

Olga (47 anos), vinda de Foz do Iguaçu com o marido e os filhos, se engajou no MST, sobretudo, por influência de seu pai, que foi um dos primeiros a ocupar a terra no acampamento.

Silvana (35 anos) relatou na entrevista que **“frequenta”** o MST desde seus nove anos de idade, quando o pai ingressou no movimento, tendo morado em diversos acampamentos.

Aparecida (49 anos), trabalhadora rural, deixou com o marido o trabalho de caseiros em uma fazenda para integrar o MST.

Omélia (40 anos) conta que aprendeu sobre o movimento junto com o marido e seus familiares, principalmente com o pai, um dos primeiros a ocupar a terra, tendo morado anteriormente em acampamentos à beira de estradas.

Joaquina (22 anos) chegou no acampamento com a família aos 5 anos de idade, pois, a convite do avô, seus pais entraram para o MST.

Beth (36 anos), tendo pai aposentado e engajado no MST, foi ainda criança ao movimento, e relatou na entrevista que morar em barracos **“não é moleza não”**, já que encontram grande dificuldade em ter acesso a água, banheiro e outros itens básicos de moradia.

Fernanda (26 anos) mora no acampamento há 10 anos, desde quando casou, e atualmente vive com o marido e o filho.

Há 22 anos no acampamento, Clarice (48 anos) conta que chegou ao MST por intermédio do padre da Pastoral da Terra que, muito amigo de seu marido, os convenceu a fazerem parte do movimento. De acordo com ela, o padre **“fez nossa cabeça para vir para cá [...] onde os padres iam, carregavam meu marido”**.

Vinda de outro acampamento, Antônia (34 anos) trabalhava em uma fazenda com seu marido quando decidiram entrar no MST. Desde então, passaram por alguns acampamentos vivenciando o drama do despejo mais de uma vez.

Tereza (37 anos) soube do acampamento por intermédio de uma cunhada, e chegou grávida de 5 meses, junto com o marido e um filho de dois anos.

Marcela (44 anos) conheceu o acampamento por meio de parentes, tendo vivido em vários acampamentos anteriormente. Com o marido e duas filhas, vieram há 12 anos por indicação de pessoas conhecidas.

Tarelho (1988, *apud* Domingues, 2007) pontua que, em um plano mais amplo, a motivação de surgimento do MST pode ser explicada pela história e pela sociologia, porém, a decisão individual de entrada no movimento não pode ser explicada somente pela situação de disparidade econômica e política de concentração de renda. Para ele, a tomada de decisão vincula-se à uma soma de elementos objetivos, financeiros, e subjetivos, como é o caso de processos comunicativos-pedagógicos responsáveis pela construção de uma identidade social crítica.

Das mulheres entrevistadas, apenas Catarina e Fernanda tiveram como justificativa de entrada no movimento seguir a escolha de terceiros, seja marido ou namorado. As outras dez entrevistadas tiveram um papel ativo na escolha de inserção no movimento, tendo a mediação de parentes, igreja e amigos.

Com 23 anos de existência, o acampamento pesquisado no presente estudo é palco de inúmeras trajetórias de vida e rupturas com padrões vividos anteriormente. Como Caldart (2004) explicita, tal rompimento não indica somente o ingresso à luta, mas também elucida uma transformação ativa frente a situações de marginalização vividas pelos sujeitos, bem como uma abertura a novas possibilidades de aprendizado em uma forma de convivência mais coletiva e comunitária. Embora o acampamento também seja cenário de inúmeras dificuldades que colocam em risco a vida das pessoas, há de se considerar que a experiência conquistada pela vivência no MST proporciona o enraizamento à uma população que era desenraizada, “[...] ao mesmo tempo que fornece um projeto de futuro” (FIGUEIREDO; PINTO, 2014, p. 563).

3 I INSERÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

A participação de mulheres no processo de redemocratização em diferentes movimentos sociais ampliou os horizontes da luta para além da ação direta e das eleições, chegando à significativa participação de mulheres na política institucional, ocupando cargos como a presidência da república. A progressiva participação das mulheres na vida política pode ser entendida sob a perspectiva das mudanças sociais, culturais e políticas das sociedades (AVELAR, 2002).

Ao mesmo tempo, avanços na inserção ao mercado de trabalho oportunizaram renda e inclusão social, propiciando graus de autonomia às trabalhadoras. Mulheres passaram a participar de economias alternativas, como a Economia Solidária e a Economia Feminista (SANTOS, 2010). A partir de estudos em cooperativas e associações, estima-se em 70% a população de mulheres trabalhadoras (STROH, 2017).

Ainda que existam avanços na redução das desigualdades de gênero e sexo no mercado de trabalho e na participação política, a variável gênero permanece como obstáculo à participação, e quando entrelaçada às variáveis classe, raça, etnia, sexualidade e geração, adensam as barreiras nas condições de participação das mulheres mais pobres, das mulheres negras, indígenas e trabalhadoras do campo (BIROLI, 2018). As trajetórias das mulheres entrevistadas confirmam as estruturas desiguais, sendo a divisão sexual do trabalho estruturante dos obstáculos presentes nas dinâmicas sociais de desvantagem para as mulheres, tanto materiais, como simbólicas.

As narrativas das entrevistadas apresentam experiências semelhantes no que diz respeito à participação política no MST e na ES. Como engajamento, é possível perceber uma identificação das mulheres com princípios e objetivos dos movimentos, especialmente com o MST. Esse reconhecimento é acompanhado da perspectiva de acesso aos direitos, espaços e recursos.

Para Aparecida, assim como para a sua família, engajar-se no MST significou uma possibilidade de **“melhorar de vida”**. De acordo com ela, a vida melhorou em muitos aspectos. Fernanda relata que no começo, quando foi morar no acampamento, se assustou. Ela pensava: **“vou morar numa coisa que não é da gente”**, mas quando acampada, com o tempo, sentiu-se mais tranquila. Ela afirma, inclusive, que **“ainda não é da gente, mais já tem umas coisinhas”**. Já para Antônia, a ida ao acampamento acompanhou **“a esperança de se tornar logo assentamento, lote”**.

Omélia conta que depois de se inserir no MST, aos 17 anos de idade, começou a **“conhecer muitas coisas”**. Engajadas no MST, Silvana, Clarice, Olga e Antônia contam que participaram de diversas atividades organizadas pelo movimento, muitas delas voltadas às mulheres. Clarisse conta com entusiasmo que teve a oportunidade de participar da Marcha das Margaridas, em Brasília.

No que tange ao engajamento na ES, Marcela conta que **“a associação é para**

gente não precisar trabalhar fora [cidade]”. Já Silvana, comenta a sua expectativa, e **“esperava que fosse, que a gente conseguisse fazer as coisas mais rápido, gerir o serviço sem ter que ir para fora”**. Para esta última, algo que fortalece a associação é manter encontros periódicos, ou seja, **“estar sempre se reunindo”**. Sobre a experiência em ocupar cargos na associação, Fernanda relata que no começo ninguém sabia **“fazer o cargo”**, mas depois que aprenderam ficou mais fácil, e afirma: **“o cargo vai passando e cada um tem que ter a experiência”**.

Ainda sobre a participação na associação, as narrativas das entrevistadas demonstram as dificuldades e limites que encontram ao terem que organizar suas rotinas conciliando o trabalho na lavoura e doméstico com o cuidado de filhos e familiares dependentes, além das atividades da associação e do MST. A realidade narrada pelas mulheres demonstra o quanto a divisão sexual do trabalho e as construções sobre os papéis sociais de gênero implicam, como barreiras materiais e simbólicas, na participação política de mulheres. Joaquina e Beth contam que, no período de gestação e por estarem com filhos pequenos, a sua participação na associação se tornou mais difícil. Fernanda observa que as mulheres da associação **“não têm o mesmo pique”**, e que **“muitas agora têm filho pequeno, não é culpa delas”**, já que **“como fica muita carga a gente diminui o ritmo”**, e reitera, **“é difícil largar o serviço para entrar em algo que a gente não sabe”**, frisando as dificuldades encontradas por mulheres ao confrontarem papéis a elas atribuídos socialmente, como **“ser mãe”** com **“trabalhadora”** e **“militante”**, reforçando papéis sociais como características naturais e intrínsecas.

Sobre o trabalho na lavoura, falas como **“ajudam”** os seus maridos: **“todas as mulheres, a gente ajuda na roça”**, foram recorrentes nas entrevistas. Segundo Conceição Dantas,

superar la división sexual del trabajo en el campo significa romper con la jerarquía existente entre tareas de hombres y de mujeres, reconociendo que la misma resulta de construcciones sociales que buscan perpetuar el patriarcado en la sociedad. También, significa visibilizar y valorizar el trabajo productivo y reproductivo hecho por las mujeres en la casa o en el cultivo y aceptar que tanto hombres como mujeres pueden realizar ambas tareas (DANTAS, 2015, p.49).

Para Olga, a baixa participação de mulheres do acampamento na associação está relacionada com os maridos. A não aprovação dos companheiros desmotiva as mulheres a participarem. Na perspectiva de Olga, a **“mulher do campo tem outra visão, diferente das mulheres da cidade”**, **“anda com o pé no chão, só trabalha na roça, ou só em casa”**. Sobre a experiência de participar da associação, Fernanda conta que **“é diferente ter grupo só de mulheres”**, mas percebe que, **“quando vai resolver algo chama os homens”**. Em ambas as falas, é possível observar a reprodução de relações sexistas que colocam as mulheres em posições subalternas e reforçam padrões e papéis sociais desiguais entre mulheres e homens.

As relações de gênero continuam a demarcar desigualdades latentes, que acabam por balizar padrões na sociedade de acordo com a raça, a sexualidade e a classe social. Logo, como bem afirmam Biroli e Miguel (2014), podemos compreender gênero como um dos eixos centrais na organização das experiências das pessoas no mundo social. Os papéis, tanto atribuído às mulheres quanto aos homens, expressam o modo como a sociedade moderna está estabelecida: ancorada na separação entre as atividades da esfera pública, atribuídas ao masculino, e da privada, atribuídas ao feminino. Isso carrega consigo uma perspectiva dicotômica, já que a esfera pública estaria baseada em princípios universais, na razão e na impessoalidade, ao passo que, a esfera privada abrigaria as relações de caráter pessoal e íntimo. Somam-se a essa percepção estereótipos de gênero desvantajosos para as mulheres. Papéis sociais atribuídos a elas, como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, colaboram para que a domesticidade feminina seja vista como um traço natural e distintivo, e não como uma construção social (MIGUEL; BIROLI, 2014).

Percebemos com as narrativas das entrevistadas que a dimensão afetiva permeia a inserção e o engajamento nos movimentos sociais, bem como na continuidade da participação política destas no MST e na ES. E que a experiência de participação, por sua vez, oportunizou aprendizados possíveis no contexto de ação coletiva. No entanto, percebemos que as associadas ainda encontram dificuldades em participar. Desigualdades nas relações de trabalho e nos espaços de participação, identificadas nas narrativas das associadas, configuram limites na participação política de mulheres e na autonomia financeira, caras a uma sociedade democrática e justa.

4 | A DIMENSÃO AFETIVA NO ENVOLVIMENTO COM MOVIMENTOS SOCIAIS E AÇÕES COLETIVAS

Considerando as seções anteriores e as reflexões contidas nelas, esta terceira seção propõe discutir a dimensão afetiva no engajamento das entrevistadas com os movimentos sociais e com demais ações coletivas. Partimos da concepção de que toda e qualquer ação humana envolve conteúdos subjetivos, e isso nos leva a fazer uma primeira observação: tanto na rota de entrada quanto na participação política, temos intrinsecamente a presença dos afetos. Como dispõem Rosa e Silva (2015, p. 47), “[...] drama subjetivo e política não apenas se relacionam, mas se interpenetram; o sujeito dramático passa a ser visto necessariamente como sujeito político [...]”. Afirmativa também presente em Safatle (2019, p. 19), que considera que o processo de “[...] constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado, de ser sensivelmente afetado”.

Alegando que a dimensão afetiva está intrínseca nos processos de constituição da consciência política e na subjetivação do movimento social ou de ações coletivas (ROSA; SILVA, 2015), citemos como exemplo a fala de Olga, se referindo a história de inserção

e engajamento com o movimento: **“não sei o que seria da minha vida se não fosse o sítio”**. Percebemos que o trabalho com a terra é um fator que a aproxima do MST, visto que considera sua adesão ao movimento enquanto possibilidade de prosseguir sua atividade laboral no cenário em que vive desde sua infância: no rural; na terra. E mais, é possível destacar que sua relação proximal com seus pais e a relação deles com o próprio movimento também é um agente que impulsiona Olga a apostar na relação com MST e no trabalho coletivo organizado, como a associação, enquanto meios de produção de vida e de renda. Lembramos que o pai de Olga foi um dos primeiros moradores do acampamento e sua mãe impulsionou a constituição da associação.

Outras narrativas se assemelham a essa, como a de Silvana, que retrata a figura de seu pai a partir de um afeto positivo, pois foi ele quem a apresentou ao MST. Ela também expressa sua preferência por trabalhar no cultivo da terra e no cuidado dos animais ao invés do trabalho na cidade ou em empresas. A adesão à associação parece seguir a mesma lógica: é por meio do estabelecimento de vínculos construtivos que se fortalece enquanto uma opção, como expresso nas falas: **“estar sempre se reunindo, uma comentando algo com a outra”**, e permanece assim, mesmo frente às frustrações com a geração de renda da associação. **“Esperava que fosse, que a gente conseguisse fazer as coisas mais rápido, gerir o serviço sem ter que ir para fora”** (Silvana). A fala de Omélia também se refere a isto: **“apesar de não estar caminhando conforme deveria estar, mas está bom, as mulheres tinham que se juntar mais, trocar ideias, dividir, compartilhar, repartir entre as mulheres”**.

Portanto, não podemos desconsiderar os afetos enquanto um dos fatores que impulsionaram estas inserções e engajamentos. Sejam eles por uma temática de luta ou por identificação com o grupo, são situações que promovem mudanças objetivas e também subjetivas. As rotas de entrada dessas mulheres, enquanto propulsoras conscientes e verbalizadas, beiram às condições de necessidades básicas de sobrevivência (alimento, moradia, trabalho). No entanto, outros aspectos, tais como coletivização, familiaridade, respeito, amor, ódio, insegurança, resistência, ternura e outras necessidades psicológicas, também são influências na escolha. O engajamento político pode ser um argumento para a rota de entrada no movimento, e vice-versa, mas a questão-chave é: ambos não são isentos de aspectos subjetivos. Se concordarmos que é pela atividade humana que continuamente produzimos a própria existência da humanidade e que os aspectos psicossociais estão inerentes em tudo, não há como dissociar a atividade operacional da emocional.

Nas entrevistas também surge o conteúdo sobre autovalorização como integrante de um movimento de luta por melhores condições de vida para a população. Entretanto, o que se destaca nas narrativas conseguintes são os efeitos do preconceito que se desenham por duas vias principais: 1) Por pertencer ao MST: **“hoje eles [a população da cidade] aceitam mais, mas sempre tem quem não”**, são as palavras de Beth ao se referir às pessoas contrárias, as mesmas que desferem ofensas e os acusam de **“vagabundos”**, dizendo estarem **“roubando as terras”**; 2) Por ser mulher tentando constituir a associação

como opção de trabalho. Relatam ataques cotidianos de discriminação, falta de escuta, de indiferença, de descrédito, entre outros. Tal fato ocorre tanto no âmbito externo ao acampamento (na cidade, nas escolas, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), no comércio, nas ruas), quanto no próprio MST em relação à organização de mulheres produzindo e tentando ter uma renda independente da figura masculina. **“Eles acham que mulher não dá conta”**, diz Tereza se referindo aos homens do acampamento; **“Tem muita gente que não é a favor da associação”**, relata Olga sobre o posicionamento que observa dos mesmos.

O preconceito invade a disposição do envolvimento dessas mulheres com o movimento social e com demais ações coletivas, refletindo nas dimensões afetivas. Ao mesmo tempo, é visível que a fundação da associação provocou nas mulheres mudanças de comportamento e realização pessoal nos aspectos cognitivos e afetivos, como vemos nas falas sobre a ressignificação da relação homem-mulher, da relação entre as próprias mulheres e sobre a habilidade de comunicação, como expresso a seguir: **“mas a gente era largada”** **“e hoje mulheres organizam, tomam iniciativa”** (Tereza). Também não descartemos que, a partir das relações e trocas no âmbito do MST e da ES, houve mudanças de perspectivas de mundo e organização social. Como na narrativa de Omélia, que relata que a partir da inserção no MST aos 17 anos de idade **“comecei a conhecer muitas coisas”**, **“abre muito a mente da gente, aprende muita coisa”**. Esse discurso é também encontrado em outros estudos, como o de Baltazar (2004) que, após entrevistar 12 militantes, descreve: “[...] Através da militância puderam aprender sobre si mesmos, sobre as relações pessoais, sobre o mundo, sobre a sociedade, permitindo mudanças de comportamento e possibilitando uma realização pessoal [...]” (BALTAZAR, 2004, p. 185). Como retratam Rosa e Silva (2015, p. 47), “[...] a práxis política deve ser entendida como um processo em constante movimento e transformação, relacionado a múltiplos papéis e dimensões diversas: social e pessoal; objetiva e subjetiva; cognitiva e afetiva [...]”.

As entrevistadas também evidenciaram que o trabalho cognitivo é acompanhado por produções afetivas. Muitas delas citaram os encontros de formação de conhecimento e de cursos de capacitação enquanto situações prazerosas que produziram sentimentos, além de estreitar vínculos com redes de apoio como a Unitrabalho/UEM. Aparecida relata que os cursos são importantes para **“abrir a cabeça”**, semelhante à fala de Fernanda sobre o curso de cooperativismo: **“abriu mais a mente”**. Catarina tem sentimentos parecidos: **“é tão bom a gente ali junto, o que a gente sabe a gente passa, e elas para gente”**, citando o aprendizado das reuniões. Fernanda consegue perceber a dimensão que uma organização de mulheres atinge: **“por ser um assentamento, ter uma padaria é importante para a comunidade, porque não é só para nós”**.

Por fim, a principal intersecção que atravessa as integrantes entrevistadas é o gênero. O fato de ser mulher vem acompanhado de muitos estigmas sociais, principalmente em um momento de desmonte e banalização das pautas de muitos dos movimentos sociais. A insegurança é um dos afetos que vem sendo vivenciado, como é explícito na fala de Clarice:

“esse governo que está vindo aí, a gente não sabe o que estão preparando para nós”. Nesse cenário, esse grupo de mulheres é uma estratégia necessária de sobrevivência concreta e emocional, a partir da integração pela necessidade de proteção frente aos discursos de ódio frequentes, que ameaçam as condições de vida dessas mulheres e da democracia brasileira.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do presente texto, buscamos discutir o entrelaçamento de fatores objetivos, subjetivos e afetivos na trajetória de envolvimento de mulheres com o MST, que simultaneamente participam de uma associação que atua sob a égide da Economia Solidária. Nos propusemos a trazer à tona a dimensão afetiva das relações construídas a partir da inserção e participação nesses dois movimentos sociais.

Quanto à participação no MST, a grande maioria foi permeada por relações afetivas, mediadas por pessoas afetivamente próximas das participantes, como pai, mãe, marido, namorado, e, até mesmo, o padre. Objetivamente, o pertencimento aos dois movimentos busca meios de sobrevivência, de trabalho, mas a escolha de como isso ocorreu foi mediada por aspectos subjetivos e afetivos.

Assistimos também a luta dessas mulheres para serem reconhecidas como atores sociais e políticos, tanto dentro do movimento como fora dele. Ouvimos relatos de afetos negativos quando enfrentam o preconceito da sociedade, tais como vergonha, humilhação, descrédito. Mas também, no próprio movimento, encaram resistências quanto ao trabalho coletivo da associação. Porém, a experiência proporcionada pela participação tanto em atividades do trabalho coletivo como nos encontros, cursos e formações a ele relacionado, as fazem relatar o sentimento de acreditarem que são capazes, sentimentos de solidariedade, de auto-valorização, de orgulho, de amor à terra, da esperança por uma vida melhor. Travam uma luta, tanto nas esferas públicas para ampliar a participação feminina no MST, na Economia Solidária e na sociedade, enquanto lutam também nas esferas da vida privada, onde observamos ainda uma predominância das relações de desigualdades de gênero, que acabam por impactar na possibilidade de participação na associação.

Por fim, concluímos que é impossível separar os aspectos afetivos, os sentimentos e emoções das condições objetivas e concretas da vida. Conforme nos lembra Penna (2017), discorrendo a respeito do resgate dos estudos sobre afetos nas Ciências Sociais e Políticas:

No mundo globalizado fica difícil negar a presença, em grandes grupos do ódio, do terror, do pânico, da suspeita paranoide. Entretanto, é também notória a influência da alegria, da compaixão e da esperança observados nos movimentos comunitário-solidários (PENNA, 2017, p. 19).

Objetividade, subjetividade, afetos, sentimentos e emoções estão sempre inter-relacionados e entrelaçados, são como camadas da mesma realidade que não podem ser desconsiderados.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Lúcia. Mulher e Política: O Mito da Igualdade. Social Democracia Brasileira, Brasília, mar., p. 40-54, 2002.
- BALTAZAR, Bernadete. Os Encontros e Desencontros da Militância e da Vida Cotidiana. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 20 n. 2, Mai-Ago, p. 183-190, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 70, 1977.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- _____.; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**: uma introdução. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- DANTAS, Conceição. Autonomia econômica de las mujeres rurales em los territorios de la ciudadanía. In. **Las mujeres em la construcion de la economia solidária y agroecología. Textos para la acción feminista**. SOF. SempreViva Organização Feminista, p. 45-66, 2015.
- DOMINGUES, Eliane. Vinte anos do MST: a Psicologia nesta história. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 573-582, set./dez. 2007.
- FIGUEIREDO, Gislayne Cristina; PINTO, José Marcelino de Rezende. Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 562-571, 2014.
- LERRER, Débora Franco. **Trajetória de militantes sulistas**: tradição e modernidade do MST. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicada ao Conhecimento do Mundo Rural, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MST. **Nossa História**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em 24 de abril de 2019.
- PENNA, Carla. O campo dos afetos: fontes de sofrimento, fontes de reconhecimento. Dimensões pessoais e coletivas. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, 39 (37), p. 11-27, jul./dez. 2017.
- ROSA, Leandro Amorim.; SILVA, Ana Paula Soares. Sujeito político dramático: mudanças vivenciadas por uma militante do MST. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, 27(1), 47-57.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos – Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. (2 ed. ver, 5. reimp., 11-32). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SANTOS, Graciete. Economia Solidária e feminista: um encontro possível. **Cadernos Feministas de Economia e Política**, 5, 2010.
- STROH, Paula Yone. Relações sociais de gênero nas cooperativas de reciclagem. In.: BLAY, E. A.; AVELAR, L. (Org.). 50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile: A Construção das Mulheres como Atores Políticos e Democráticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fafesp, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes de Transporte Terrestre 41, 42, 44, 46, 51, 54, 55

Adoção 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 141

Afetos 78, 80, 85, 86, 87, 88, 89

Aglomerados 41

Agronegócio 106, 107, 109, 113, 114, 115, 117

Ancestralidade 216, 217, 222, 223

C

Capital 15, 67, 68, 71, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 122, 123, 126, 127, 130, 131, 147, 152, 169, 171, 173, 183, 184, 186, 188, 189, 201, 202, 207, 211, 212

Cartolas 155, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165

CBF 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167

Conservadorismo Social e Econômico 121, 123, 129

Coping 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105

Corrupção 155, 156, 159, 161, 162, 164, 166, 181

Covid 19 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Cultura de Paz 133, 136, 137, 139, 140, 141, 142

D

Direito Fundamental 133, 135, 168, 169, 172, 173, 174, 176, 177

Doença Ocupacional 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24

E

Economia Solidária 78, 79, 83, 88, 89, 182, 202

Estado 36, 47, 48, 55, 56, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 94, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 147, 149, 151, 158, 159, 160, 161, 163, 166, 168, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 204, 205, 220

Ex-Presidiários 119, 120

G

Gestão Pública 1, 11, 227

H

Hiato do Gênero 25

I

Independência Congoleza 121, 126, 129

Institucionalização 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 128, 148

J

Justiça Restaurativa 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143

M

Medida Socioeducativa 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177

Mortalidade 3, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

MST 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 199

N

Negociação Coletiva 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117

P

Política 76, 89, 147, 154, 155, 166, 167, 179

Política Pública 106, 107

Práticas Pedagógicas 133, 135

Previdência 19, 124

Procedimentos Hemodinâmicos 1, 10

Profissionalização 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177

R

Regime Disciplinar Diferenciado 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Reinserção 58, 63, 64, 119, 174

Rotas Metabólicas Bioquímicas 25, 38

S

Socialismo 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Socioeducandos 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176

T

Trabalho 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 36, 38, 40, 45, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 133, 139, 142, 146, 150, 155, 156, 164, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 181, 182, 188, 190, 191, 192, 204, 207, 208, 210, 211, 213, 220, 221, 225

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 90, 91, 92

Turismo 66, 71, 72, 76, 77

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020